

No

em 2006, o futebol português em Moçambique tornou-se um fenómeno socialmente relevante, sobretudo em termos de mobilização por um objectivo comum: a criação de uma equipa nacional de futebol. Enquanto as garantias não se tornaram necessárias, futuramente, não há de se esperar que o futebol português em Moçambique seja um fenómeno socialmente relevante, sobretudo em termos de mobilização por um objectivo comum: a criação de uma equipa nacional de futebol.

Este artigo pretende analisar o papel do futebol português em Moçambique como fenómeno socialmente relevante, sobretudo em termos de mobilização por um objectivo comum: a criação de uma equipa nacional de futebol. O artigo analisa o papel do futebol português em Moçambique como fenómeno socialmente relevante, sobretudo em termos de mobilização por um objectivo comum: a criação de uma equipa nacional de futebol.

Este artigo pretende analisar o papel do futebol português em Moçambique como fenómeno socialmente relevante, sobretudo em termos de mobilização por um objectivo comum: a criação de uma equipa nacional de futebol. O artigo analisa o papel do futebol português em Moçambique como fenómeno socialmente relevante, sobretudo em termos de mobilização por um objectivo comum: a criação de uma equipa nacional de futebol.

O futebol Português em Moçambique como memória social

Este artigo pretende analisar o papel do futebol português em Moçambique como fenómeno socialmente relevante, sobretudo em termos de mobilização por um objectivo comum: a criação de uma equipa nacional de futebol. O artigo analisa o papel do futebol português em Moçambique como fenómeno socialmente relevante, sobretudo em termos de mobilização por um objectivo comum: a criação de uma equipa nacional de futebol.

Nuno Domingos
School of Oriental and African Studies, Londres

Este artigo pretende analisar o papel do futebol português em Moçambique como fenómeno socialmente relevante, sobretudo em termos de mobilização por um objectivo comum: a criação de uma equipa nacional de futebol.

1. Este artigo foi elaborado no âmbito do projecto de investigação "Futebol e Memória Social em Moçambique", financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo nº 2006/00011-0.

2. Este artigo foi elaborado no âmbito do projecto de investigação "Futebol e Memória Social em Moçambique", financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo nº 2006/00011-0.

O futebol Português em Moçambique como memória social

Este artigo tenta interpretar a relação do futebol português com Moçambique contemporâneo, e nomeadamente o papel desempenhado por um conjunto de referências que, tendo sido introduzidas durante o período colonial, persistem nos dias de hoje com força e originalidade. O artigo examina a forma como estes laços foram construídos e se tornaram uma parte importante na vida quotidiana dos colonos portugueses e das populações africanas de Moçambique. Defende-se que estes laços, mais do que a expressão de uma nostalgia pelo período colonial, fazem parte de uma memória social viva, permanentemente actualizada, cuja existência e usos sociais, embora baseada em referências portuguesas, adquiriu uma larga autonomia em relação ao legado colonial.

Portuguese football in Mozambique as social memory

This article tries to interpret the relation of Portuguese football with contemporary Mozambique, namely the role played by a set of references that, introduced in the territory during the colonial period, persist today in an original and strong fashion. The ways by which these bonds were constructed and became common to the daily life of Portuguese colonizers and African populations in Mozambique are briefly examined. It is argued in this article that, currently, these bonds, more than an expression of a colonial nostalgia, are part of a lively social memory, permanently updated, whose existence and social uses, though based on Portuguese references, are widely autonomous from the colonial inheritance.

No fim do mês de Março de 2006, no exterior do Mercado Central de Maputo, fui abordado por um jovem vendedor ambulante que se distinguia da multidão por envergar uma camisola garrida do Liverpool FC, clube de futebol inglês. Enquanto lhe garantia não ser um turista e não estar interessado nas várias peças de roupa, distribuídas por diversos cabides, que procurava vender, ele insistia para que eu olhasse para a sua mercadoria adiantando que sempre era melhor vender do que andar a roubar. Numa cidade com inúmeros problemas, onde grande parte da população vive em condições extremas, procurando sobreviver na vasta economia paralela, o fim da frase soou como um aviso. Parei, apontei para a sua camisola e disse que tinha vindo a Moçambique para ver jogos de futebol, aproveitando para lhe lembrar que o Liverpool acabara de ser eliminado, nos oitavos de final da Liga dos Campeões Europeus, pelo Benfica. O jovem vendedor olhou-me com um sorriso e apresentou-se como Marcos Isaías, normalmente conhecido por Isaías, nome dado pelo pai em homenagem ao antigo jogador de futebol brasileiro que jogou pelo Benfica. Alertaram-me para as inúmeras capacidades retóricas dos vendedores da baixa de Maputo, e para o modo como conseguiam adaptar com facilidade o discurso aos seus interlocutores. Marco Isaías podia, perfeitamente, ser um nome de origem cristã. Mas talvez as origens estivessem misturadas numa espécie de sincretismo religioso-desportivo. Marcos Isaías, que tinha 13 anos, colocou as devidas notas de rodapé para suportar o seu discurso. Arsenal-Benfica, segunda mão da eliminatória de acesso à Liga dos Campeões, 1991. Vitória histórica do Benfica por 3-1 em Londres, com dois golos de Isaías. O pai de Marcos Isaías jamais se esquecerá daquela noite em que o «pontapé-canhão» do clube de Lisboa fora saudado de pé pelo público que enchia o estádio de Highbury. Marcos Isaías nasceu dois anos depois. A camisola vermelha do Liverpool, oferecida por um turista inglês, substituí-a, à falta da original, o equipamento do clube português.

A ligação dos moçambicanos, nomeadamente em contexto urbano, com o universo do futebol português reconhece-se num simples passeio pela baixa de Maputo. Tal proximidade, aliás, parece encontrar paralelo com o que ocorre em outras antigas colónias portuguesas em África. Embora não se conheçam estudos abrangentes sobre o tema, esta realidade tem sido comprovada por relatos de viajantes, turistas, jornalistas e de indivíduos que, por diversos motivos, têm uma vivência repartida pelos dois países¹. Além dos depoimentos informais, outros dados indicam, com maior precisão, a força deste laço. Em 2006, o campeonato português,

* Este artigo foi elaborado a partir de algumas impressões etnográficas retiradas do quotidiano de Maputo durante o ano de 2006. Se é certo que procurei suportar estas impressões com dados de natureza mais objectiva, que pudessem fortalecer as considerações produzidas, é elementar insistir que não substituem um trabalho mais profundo sobre um tema bastante particular da relação de Portugal com os países africanos de língua oficial portuguesa.

¹ Recentemente João de Pina Cabral referiu-se, ainda que de forma marginal, a esta relação identitária. João de PINA-CABRAL, 2002, «Agora pode saber o que é ser pobre». Identificações e diferenciações no mundo da Lusotopia», *Lusotopie*, 2, pp. 215-224.

denominado Superliga, foi acompanhado com intensidade por parte da população da capital moçambicana. Em todos os fins-de-semana de competição foram transmitidos, em canal aberto, dois jogos da Superliga, um pela televisão estatal, TVM, e outro pelo canal português destinado à África lusófona, a RTP África. Os jogos transmitidos envolvem sempre um dos três maiores clubes portugueses. O Benfica, o Porto e o Sporting são os grandes embaixadores desta relação de proximidade, os suportes de uma memória antiga transmitida geracionalmente, que todos os dias se reproduz, demonstrando uma vitalidade que não deixa de surpreender. A actual popularidade do Futebol Clube do Porto, clube com pouca reputação entre os moçambicanos durante o tempo colonial, revela a capacidade do universo do futebol português comunicar com novas gerações moçambicanas. Neste sentido, parece que, mais do que ter sobrevivido à experiência colonial, o futebol português se configura como um universo autónomo de significados que sobrevive com facilidade sem uma remissão constante para o passado.

É comum encontrar nas ruas de Maputo moçambicanos com as camisolas de um dos grandes clubes portugueses, sobretudo nos dias de jogos. As camisolas destes clubes, uns dos objectos mais frequentemente pedidos a indivíduos que viajam de e para Portugal, parecem, em certos espaços e circunstâncias, no âmbito da vida de bairro ou por exemplo nas escolas, ser investidas de uma função de suporte estatutário. Os jornais desportivos portugueses, vendidos, com algum atraso em relação à data de publicação e com preços bastante elevados, em vários locais da cidade, ajudam ao acompanhamento mais particular do que se vai passando em Portugal. A quase centenária livraria Minerva Central expõe numa das suas vitrinas vários exemplares do jornal *A Bola*, organizados como se fossem os sucessivos números de um folhetim. É o único jornal português que vendem. À porta do conhecido café Continental, numa pequena banca de jornal gerida por um jovem adepto do Sporting, é possível adquirir números atrasados do *Record*, mas nenhum outro jornal português. Na Minerva Central, acumulam-se exemplares de clássicos e contemporâneos da literatura portuguesa, que apenas os saldos parecem fazer escoar.

O jogo do Totobola em Moçambique é preenchido por jogos do campeonato português. A maior companhia de telefones móveis moçambicana, a MCEL, disponibilizou em 2006 um serviço especial, no qual, através de um *sms* com as iniciais do seu clube, os clientes podem saber tudo acerca da Superliga: as classificações, os resultados, o calendário da prova. A popularidade do futebol português coincide com uma crise geral do futebol moçambicano, penalizado pelas constantes dificuldades financeiras, pela falta de infra-estruturas e por dificuldades na formação de jogadores. A guerra civil que marcou o país até 1992 contribui decisivamente para este cenário. O último revés do futebol local foi o fracasso da candidatura à organização do Campeonato Africano de Nações (CAN) de 2010. Angola foi o país escolhido. O insucesso provocou um intenso debate que

rapidamente extravasou a questão desportiva². Como ficou mais uma vez comprovado aquando da realização do campeonato do Mundo na Alemanha, o futebol é uma poderosa forma de afirmação africana no mundo, um momento em que o continente pode competir em igualdade com os países mais poderosos, nomeadamente com as nações do continente colonizador, a Europa. No âmbito deste último campeonato, o caso angolano comprovou a importância destes momentos de comunhão massificada para reforçar a identidade de nações com uma história de independência recente³.

No entanto, no que respeita às preferências clubistas, as paixões em Moçambique continuam a estar em Portugal. No quotidiano de Maputo, os moçambicanos, sobretudo por via masculina, possuem um conhecimento profundo sobre a vida das principais equipas portuguesas. Acompanham os resultados, a carreira dos jogadores, e opinam, com uma competência elevada, sobre a forma desportiva das equipas, o seu tipo de jogo, as vantagens e inconsistências de jogadores e treinadores. Falam dos clubes como se fossem seus, na primeira pessoa, e não fazem distinção entre um adepto português do Sporting e um adepto moçambicano do mesmo clube. Estão todos no mesmo barco, lutam pelos mesmos objectivos e têm o direito de opinião como qualquer outro adepto, independentemente da sua nacionalidade.

O papel do futebol português no âmbito das «memórias coloniais» está para além de uma simples rememoração de acontecimentos recuados, cuja importância é relembrada cerimonialmente⁴. Matéria de uma memória actuante, é um património presente, apropriado, adaptado, ajustado aos quotidianos locais. Não seria justo interpretá-lo como uma nostalgia, como se fosse apenas uma forma de lembrar, reconhecer e interpretar o passado. Este universo de referências, cuja origem resulta indiscutivelmente do «encontro colonial», constitui-se como um elemento participante de práticas sociais quotidianas, sendo substância de encontros sociais ritualizados. Como uso social, motivo de encontro e de partilha nos mais variados espaços, o futebol português é sobretudo matéria do que Paul Connerton, designou por «memória social incorporada»⁵, tipo de processo mnemónico que se distingue de uma memória meramente cognitiva, consciencializada, traduzida em discursos sobre o passado. A sua relevância no quotidiano de muitos lugares na antiga África

² Esgrimiram-se argumentos diversos, alguns salientaram a injustiça da decisão da Confederação Africana de Futebol, refém de interesses instalados, outros preferiam realizar uma feroz crítica à incapacidade interna, complementado por sombrios diagnósticos quanto ao futuro da modalidade em Moçambique. Os jornais trataram largamente a questão da candidatura ao CAN. Por exemplo, Manuel Meque, «Desilusão abalou a Nação moçambicana», *Domingo*, 21/5/2006, pp. 2-3; «Perdemos o CAN mas não perdemos a guerra», 21/5/2006, *Domingo*, p. 8.; Entrevista a Carlos Sousa, vice-ministro da Juventude e Desportos, «Esquemas de Corrupção não são valores, nós entramos só nas regras de jogo limpo», *Desafio*, pp. 8-9.; «CAN-2010: Um desaire anunciado», *Savana*, 19/5/2006, p. 6; Francisco Carmona, «E agora: a culpa é dos outros?», *Savana*, 19/5/2006.

³ Ver, a este propósito, Gary ARMSTRONG & Richard GIULIANOTTI (eds.), 2004, *Football in Africa*, Hampshire, Palgrave.

⁴ Francisco Bethencourt, abordando a memória da expansão portuguesa, refere-se à acção de instituições, agentes, cerimónias, artefactos e edifícios no trabalho de criação de uma memória colectiva, no sentido definido por Marice Halbwachs (FRANCISCO BETHENCOURT, 1999: 442-480). A sua análise não avança, porém, pelos terrenos da «cultura popular».

⁵ Paul CONNERTON, 1999, *Como as Sociedades Recordam*, Celta, Oeiras, pp. 4-5 e pp. 83-86.

portuguesa prende-se como o modo como sustenta formas ritualizadas de viver, hábitos quotidianos intrincados nas interacções. A procura de informação em Moçambique sobre tal universo de referências, corresponde a uma necessidade de alimentar essa «memória social incorporada». O modo como o futebol português se transformou numa parte importante da cultura popular urbana das cidades como Maputo ou Luanda remete para um trajecto original e muito particular que acaba por explicar o facto de, além da memória histórica se manter ainda viva, este património ter adquirido uma forma contemporânea original. Recuemos, então, ao tempo colonial.

A primeira filial do Sporting Clube de Portugal em Moçambique, o Sporting Club de Lourenço Marques, terá sido fundada em 3 de Maio de 1920⁶, embora outras fontes indiquem o ano de 1916⁷. Ainda antes dos anos de 1940, o clube possuía representações nas principais cidades moçambicanas⁸. O Sport Lisboa e Beira, fundado em 1 de Julho de 1916, inaugurou a presença do Benfica em Moçambique. Em 31 de Maio de 1921, foi criado, em Lourenço Marques, o Clube Desportivo⁹, que viria a ser a principal representação do Benfica em Moçambique, base da criação de outras delegações pelo território¹⁰. Nos anos de 1960, os dois clubes portugueses mais populares cresceram um pouco por todo o território¹¹. O Futebol Clube do Porto¹², o Belenenses¹³ e o Atlético também tinham delegações, embora em menor número. No último período do colonialismo português foram constituídos, quase sempre em localidades mais pequenas, inúmeros clubes que ostentavam o nome de agremiações portuguesas, fundados de modo bastante informal, sem nunca terem visto os seus estatutos aprovados pela administração colonial.

⁶ Segundo a proposta de estatutos (em 15/5/20) que oficializou a criação do clube.

⁷ Em texto escrito em 1931 intitulado *L'Education Physique et le Sport* (Paris, Congresso Colonial de Paris), o capitão Ismael Mário Jorge refere que o clube foi fundado em 1916.

⁸ Até à década de 1940 foram criados, em 17 de Fevereiro de 1929, o Sporting Clube da Beira, em 2 de Maio de 1932, o Sporting Clube de Moçambique, em 1 de Julho de 1933, o Sporting Clube de Quelimane, em 10 de Janeiro de 1934, o Sporting Clube de Gaza. Depois de 1940, em 6 de Abril de 1947, o Sporting Clube do Guijá, em 6 de Fevereiro de 1948, o Sporting Clube de Nampula e em 26 de Setembro de 1959, o Sporting Clube de Mucucune.

⁹ O Desportivo deixaria de ser filial do Benfica em 1954, depois de uma polémica assembleia geral. Em 1956 seria fundada a nova filial do clube lisboeta em Lourenço Marques, o Benfica de Lourenço Marques.

¹⁰ Para além das sucursais do Desportivo, foram criadas filiais do Benfica em Quelimane, onde em 17 de Junho de 1954, o Grupo Desportivo de Quelimane passou, na sequência da polémica entre as direcções do Desportivo e do Benfica de Lisboa, a designar-se por Sport Quelimane e Benfica, em Nampula, o Sport Nampula e Benfica, fundado em 27 de Maio de 1961, na Machava, onde em 23 de Julho de 1955 surgiu o Sport Machava e Benfica e no Chimoio, onde em 9 de Fevereiro de 1957 surgiu o Sport Chimoio e Benfica.

¹¹ Por exemplo, em 30 de Junho de 1962, foi criado o Sporting Clube de Massinga, em 21 de Julho de 1962, o Sporting de Pucucune (Inhambane), em 31 de Maio de 1961, o Sport Guruè e Benfica (Vila Junqueiro).

¹² A mais importante filial do Futebol Clube do Porto era o Clube de Malhangalene, importante bairro em Lourenço Marques, fundado em 4 de Outubro de 1934. O clube só passou a ter futebol em 1942, como refere o *Guardian Desportivo* de 16/9/53, pp.1 e 10.

¹³ Um dos clubes mais antigos de Moçambique, o 1.º de Maio, era uma filial do Belenenses. Fundado em 1 de Maio de 1917, o Grupo Desportivo 1.º de Maio foi criado por um grupo de operários com influência anarco-sindicalista, mas que, depois de 1926, acabou por ser integrado na ordem política. Em 1954 o 1.º de Maio deixou de ser uma filial do Belenenses. Em 1 de Janeiro de 1950 foi fundado o Grupo Desportivo Carreira de Tiro, que posteriormente se passaria a chamar de Clube de Futebol os Belenenses de Lourenço Marques, cujos estatutos foram aprovados em 3 de Fevereiro de 1962, pela portaria n.º 15742, p. 141.

O movimento desportivo em Moçambique cresceu no contexto de discriminação racial que caracterizou a administração colonial portuguesa¹⁴. As filiais dos clubes portugueses e as colectividades criadas por iniciativa individual dos colonos ou ligadas a empreendimentos coloniais, como é o caso notável do Clube Ferroviário¹⁵, participavam em competições organizadas pela Associação de Futebol de Lourenço Marques (AFLM), criada em 14 de Maio de 1932 e pertencente à orgânica da Federação Portuguesa de Futebol.

Os clubes africanos que se formaram no subúrbio de Lourenço Marques ainda na década de 1920, juntaram-se na Associação de Futebol Africana (AFA)¹⁶, estrutura separada que organizava competições próprias. A divisão racial, fomentada pelo poder colonial português, entre os chamados clubes da baixa, representantes da AFLM, e os clubes do subúrbio negro não era completamente estanque. Alguns jogadores, quase sempre com o estatuto de assimilados, conseguiam jogar futebol nos dois campeonatos¹⁷. A transferência de um jogador negro ou mestiço para um clube da baixa proporcionava uma evidente melhoria de vida, já que a mudança implicava normalmente a garantia de um novo emprego. Eram poucos, porém, os jogadores que passavam de um campeonato para o outro. A situação alterou-se nos anos de 1950, sobretudo porque o próprio desenvolvimento do futebol como jogo competitivo no qual os clubes, representantes de um público em crescimento, lutavam pelos melhores jogadores, forçou algumas das barreiras raciais. Quando este mercado suscitou interesse nos clubes metropolitanos a mobilidade dos atletas aumentou.

A transferência de jogadores moçambicanos negros e mestiços para Portugal, como foram os casos de Mário Wilson, em 1949, Matateu, em 1951, Naldo e Coluna, ambos em 1954, teve um significado profundo, chegando a provocar conflitos entre os clubes metropolitanos que os contrataram e os clubes de Moçambique que os viram partir sem grandes contrapartidas financeiras. A ida de jogadores negros e mestiços para Portugal contribuiu para estreitar os laços entre o futebol português e o quotidiano moçambicano. O jogo que se fazia na Metrópole passou a interessar a grupos da população urbana e suburbana negra, deixando de ser apenas um consumo de colonos, brancos e de algumas franjas de uma elite negra e mestiça.

¹⁴ A este propósito ver Nuno DOMINGOS, 2006, «Futebol e Colonialismo, dominação e apropriação: sobre o caso moçambicano», *Análise Social*, 179, vol. XLI, 2.º trimestre de 2006, pp. 397-416.

¹⁵ O Clube Ferroviário foi fundado a 13 de Outubro de 1924. O Clube pertencia à empresa de Caminhos-de-Ferro. Rapidamente constituiu uma rede de filiais, acompanhando as localidades por onde ia avançando o comboio.

¹⁶ Formada ainda na década de 1920, mas com os estatutos aprovados apenas em 1934.

¹⁷ De entre um conjunto de casos, realce-se o exemplo paradigmático de Mário Coluna. Filho de um português e de uma africana, Coluna iniciou o seu percurso num clube da Associação Africana, o João Albasini – clube cujo nome homenageia uma das vozes que mais se destacou na defesa dos direitos dos chamados indígenas face ao poder colonial, nomeadamente nas páginas do jornal o *Brado Africano* e através da acção do Grémio Africano de Lourenço Marques. Mário Coluna, depois de se destacar como atleta passou a representar o histórico Desportivo, antes da sua romagem, em 1954, para o Benfica de Lisboa. Enquanto jogador do Desportivo, participante do campeonato colonial, Coluna não deixou de representar em algumas partidas o João Albasini. Ver. Renato CALDEIRA, 2003, *Coluna, o Monstro Sagrado*, Edisport, Maputo, pp. 17-23.

Desde os anos de 1920 que os jornais publicados em Moçambique informavam acerca dos desenvolvimentos das competições de futebol em Portugal. Foi, no entanto, a partir dos anos de 1940, quando o se institucionalizou solidamente na metrópole, que essa informação se tornou mais regular¹⁸. O aumento do número de colonos em Moçambique ajuda a explicar o crescimento do interesse que as competições portuguesas registavam neste território ultramarino¹⁹. A identificação clubista era uma forma evidente de reforçar laços comunitários numa terra estranha, bem como de manter uma relação estreita com o país de origem. A criação de associações desportivas e recreativas foi uma das formas de reproduzir as vivências da metrópole, entre as quais se destacava a assistência a jogos de futebol. A afluência de colonos traduziu-se numa cobertura mais cuidada do futebol português por parte da imprensa local, nomeadamente pelos jornais mais importantes, como o *Notícias* ou o *Diário de Lourenço Marques Guardian*. Mas o mesmo efeito se sentiu no *Brado Africano*, jornal que defendia, face ao estado colonial, os interesses das populações nativas²⁰. Se a imprensa reforçou este laço, a rádio tratou de mediatizar o acontecimento em tempo real. A possibilidade de captar as emissões da Emissora Nacional proporcionou um acompanhamento dos jogos dos principais clubes portugueses. No princípio dos anos de 1950, as partidas eram transmitidas com regularidade. A democratização do transistor proporcionou uma multiplicação deste efeito; as descrições dos homens da rádio iam, à falta da imagem, revelando com pormenor o lado performativo dos jogos e das exhibições dos atletas. Como matéria de uma cultura popular urbana, e apesar do contexto discriminado, o futebol português tornou-se conhecido no subúrbio de Lourenço Marques, num típico processo de passagem da informação dos centros para as periferias.

Os dados do *Anuário Estatístico de Moçambique* revelam o ritmo de crescimento dos meios de difusão de informação. Entre 1935 e 1945, o número de publicações não ultrapassou as 18 por ano. Já existiam, entretanto, 4293 receptores do rádio. Este número passou para 8670 em 1950, duplicando outra vez em 1955, para 16513. Se nesta data, existiam 24 publicações, mas apenas 4 com mais de 1900 de tiragem, em 1960, alcançou-se as 33 publicações, 14 das quais com mais de 1.900 exemplares de tiragem. Os receptores de rádio chegaram aos 36.927, para em 1965 atingirem os 53.906, ano em que, das 35 publicações de imprensa, 10 tinham uma tiragem maior

¹⁸ O campeonato português estruturou-se definitivamente em 1938, depois de um modelo experimental iniciado em 1934. Foi também na década de 1940 que a imprensa desportiva portuguesa viu nascer projectos mais consistentes, como foram os casos notáveis de *A Bola* (n. 1945), o *Mundo Desportivo* (n. 1945) e o *Record* (n. 1949).

¹⁹ Entre 1943 e 1974 entraram em Moçambique, apenas por via marítima, 163 783 portugueses do continente e ilhas, regressando à metrópole 80 763 pessoas, o que resulta num saldo 83 023 indivíduos, (Cláudia CASTELO, 2007, cap. IV). No total, a população branca em Moçambique passou de 48 000 em 1950, para pouco menos de 100 000 em 1960 e chegando a quase 200 000 em 1974, (Malyn NEWITT, 1995, *História de Moçambique*, Lisboa, Europa-América, p. 406)

²⁰ O *Brado Africano* foi criado em 1918 como órgão oficial do Grémio Africano de Lourenço Marques, prolongando o trabalho de defesa das populações indígenas antes iniciado pelo *Africano*. A sua intervenção foi bastante afectada depois da instauração do Estado Novo em Portugal. Em 1958 seria mesmo cooptado pela União Nacional. Ver Ilídio ROCHA, 2000, *A Imprensa de Moçambique*, Livros do Brasil, Lisboa.

do que 15000 exemplares²¹. Em 1970, já existiam por todo o território, 141 986 receptores.

O crescimento do interesse do subúrbio, cimentado, como referimos, pelas performances altamente elogiadas de jogadores negros e mestiços em Portugal, foi ainda favorecido pelas digressões de clubes portugueses a Moçambique, momentos fundamentais na reificação destes laços. A Académica de Coimbra visitou Lourenço Marques em 1939 e regressou em 1951, no mesmo ano em que o Atlético de Alcântara também jogou na capital. O Marítimo viera em 1950, ano especialmente marcado pela visita do Benfica²². O Sporting realizou vários jogos em 1954. Em Julho de 1962, o Benfica, depois de vencer a segunda taça dos campeões europeus, visitou Angola e Moçambique, tendo sido recebido em festa²³. As digressões, que quase sempre resultavam em paradas no centro da cidade, possibilitavam aos adeptos observarem os seus ídolos. A imprensa local atribuía grande importância a estas visitas, momento de recordação da terra de origem e, de um ponto de vista mais específico, oportunidade para medir o valor das equipas locais.

O desenvolvimento da popularidade do futebol português, nomeadamente dos seus clubes, durante o período da guerra colonial merecia, por si só, um estudo elaborado. Relatos míticos²⁴ sobre a convivência futebolística de ambas as partes em conflito, separadas por quase tudo mas unidas pelo laço do futebol, são indicadores que não podem, por si só, sustentar uma tese. Não existem trabalhos de fundo que analisem o hipotético papel que o futebol possa ter tido durante o conflito, ou mesmo noutras dimensões do domínio colonial português²⁵. Face às evidentes prioridades de investigação, os trabalhos de investigação ignoraram uma temática considerada

²¹ Neste ano, pela primeira vez, foi criada uma categoria estatística que contemplara as emissões desportivas semanais. A categorização anterior incluía sempre, nas emissões mistas, uma categoria designada por cultura física. Note-se, porém, que este espaço nunca fora preenchido por nenhum programa. Sabendo-se que existiam informações regulares sobre o desporto metropolitano e local, as horas de transmissão relativas, estão diluídas, até ao Anuário Estatístico de 1965, noutras categorias. Todos estes dados foram recolhidos no *Anuário Estatístico de Moçambique*, editado em Lourenço Marques pela Repartição Técnica de Estatística de Moçambique. Os dados são relativos ao período entre 1935 e 1970.

²² Durante esta visita, o Benfica perdeu por 3-1 contra uma equipa formada por jogadores nascidos em Moçambiques, designados por «naturais». Este feito foi muito celebrado em Lourenço Marques.

²³ As vitórias do Benfica na Taça dos Campeões Europeus de 1961 e 1962 afirmaram o clube de Lisboa como o mais popular em terras de Moçambique. Não é correcto afirmar que o processo de popularização do Benfica se realizou por essa altura. Desde os anos de 1930 que a este clube de Lisboa era dado algum destaque nos jornais de Lourenço Marques. A sua relação com o popular Desportivo local também terá ajudado. Mas as vitórias dos anos de 1960, amplificadas por uma maior cobertura mediática, não apenas pelo trabalho da imprensa mas também pela rádio, tiveram um efeito multiplicador. O facto de Mário Coluna e Eusébio da Silva Ferreira terem sido dois dos maiores protagonistas destas vitórias não deixou de ter um efeito significativo, sobretudo junto da população negra.

²⁴ É conhecido o relato do escritor António Lobo Antunes sobre a sua experiência em Angola. Em entrevista à revista *Visão*, em 27 de Novembro de 2003, Lobo Antunes refere que «Quando o Benfica jogava, púnhamos os altifalantes virados para a mata e, assim, não havia ataques (...) Parava a guerra. Até o MPLA era do Benfica. Era uma sensação ainda mais estranha porque não faz sentido estarmos zangados com pessoas que são do mesmo clube que nós. O Benfica foi, de facto, o melhor protector da guerra».

²⁵ Recentemente Paul Darby, referindo-se às transferências de jogadores africanos para clubes europeus, nomeadamente ao caso da ida de jogadores das ex-colónias portuguesas para Portugal, sustentou que estas transferências eram um exemplo de neo-colonialismo. Esta análise levou-o a considerar a utilização do futebol, durante o período colonial, como parte de um «plano mais geral de promoção da hegemonia colonial». Embora seja

marginal. Esta ausência parece pelos menos indicar que o futebol não terá sido um elemento importante na retórica entre as partes em conflito.

Depois de alcançada a independência, quando importava edificar as bases de uma nova nação, a situação alterou-se. O novo regime moçambicano aplicou um conjunto de medidas para restringir a influência do futebol português na estrutura desportiva do país. Alguns dos principais clubes de Moçambique mudaram de nome. O Sporting e o Benfica de Lourenço Marques passaram a chamar-se, respectivamente, Maxaquene e Costa do Sol, nome dos bairros nos quais estavam sedeados. O novo governo pôs fim ao regime de transferências de jogadores moçambicanos para o exterior, considerado uma forma colonialista de exploração de talentos²⁶. O novo país necessitava dos seus melhores atletas para desenvolver uma estrutura desportiva própria²⁷.

O corte de relações desportivas que marcou o período pós-independência não atingiu significativamente a popularidade dos clubes portugueses em Moçambique. Uma sondagem efectuada em Maputo 20 anos depois da independência revelou que apenas 15% da população local preferia as equipas moçambicanas às portuguesas²⁸. A «memória social» sobreviveu ao corte radical de alguns laços, à alteração de nomes, à quebra da circulação dos jogadores. Noutro sentido, o repertório nacionalista associado na denúncia do colonialismo português, pelo qual a própria nação se ergueu, não seleccionou a força cultural do futebol entre os factores negativos da presença portuguesa. Este domínio cultural era pouco significativo, quando colocado ao lado da violência do trabalho forçado ou da discriminação racial. Isto não significa, porém, que a questão seja, hoje, politicamente vazia.

A mudança de denominação porque passaram os clubes moçambicanos após a independência constituiu uma pequena parcela de uma revolução terminológica mais vasta, cuja face mais visível é sentida nas ruas e nos bairros de cidades como Maputo²⁹. A galeria de heróis da gesta lusa, navegadores, administradores coloniais, políticos metropolitanos, etc, foi substituída pelos heróis da luta da libertação, por datas que marcam as fronteiras da nacionalidade, pelos inspiradores marxistas da luta pela independência, políticos e heróis das independências africanas e outros

[cont.]

inegável a existência de uma forte influência cultural do futebol português em Moçambique e noutras antigas colónias portuguesas, considero estar ainda por provar que o futebol foi um meio primordial do poder colonial, estrategicamente, aplicar esta hegemonia. Paul DARBY, 2006, «Migração para Portugal de jogadores de futebol africanos», *Análise Social*, 179, vol. XLI, 2.º trimestre, p. 426

²⁶ Esta medida seria revogada em 1987, já depois de muitos jogadores moçambicanos terem rumado ao campeonato da África do Sul.

²⁷ A forma encontrada para sustentar os clubes no Moçambique independente foi ligá-los a empresas e outras estruturas estatais. Por exemplo, o Maxaquene, antigo Sporting de Lourenço Marques, passou a estar sob a alçada do das Linhas Aéreas de Moçambique, o clube da Malhangalene, agora Estrela Vermelha, sob a tutela do exército.

²⁸ Paul DARBY, 2006, *op. cit.* p. 426, refere este facto, citando uma publicação da BBC, «Mozambique», in *BBC Focus on Africa*, Janeiro-Março (1996), p. 47.

²⁹ As alterações foram legisladas pelo Decreto-Lei 10/76, de 13 de Março de 1976.

líderes e teóricos da revolução. A mudança na terminologia foi genericamente bem sucedida, e os novos nomes adoptados, embora alguns indivíduos, mais velhos, ainda reconheçam os locais pelo nome antigo, ou por uma dupla denominação. Claro que muitas vezes os próprios nomes, por vezes de fonia complexa, são adaptados às circunstâncias³⁰. Todavia, em algumas ocasiões, poucas, houve uma resistência à mudança terminológica, mantendo-se a designação do tempo colonial. Em 1981, o bairro do Benfica, no subúrbio de Maputo, foi rebaptizado bairro Jorge Dimitrov, homenagem ao revolucionário comunista búlgaro³¹. O *Dicionário de Nomes Geográficos de Moçambique - Sua Origem*, revela que a génese do bairro do Benfica não se deve a nenhuma imitação do nome da localidade de Benfica, em Lisboa, mas tão somente à paixão que um comerciante português influente, Custódio da Graça, nutria pelo Sport Lisboa e Benfica³². Custódio da Graça, que montou um estabelecimento comercial naquela área, insistiu para que o bairro fosse baptizado com o nome do clube lisboeta. A alteração de 1981 não foi, porém, aceite pela população que, no seu quotidiano, continua a designar o bairro como o Bairro do Benfica, como o provam as carreiras dos transportes semi-colectivos, vulgo chapa 100, que cruzam a cidade de Maputo.

O caso pode não parecer muito mais do que um exemplo caricato. Mas se considerarmos que o Benfica, o Sporting e o Porto, Eusébio, Matateu, e outras glórias de tempos idos, passando pelo já referido Isaías, pelo Figo, o Rui Costa, o Deco e o Simão e acabando em Mourinho, cujo nome aparece escrito num dos muros que circunda um campo de futebol improvisado no bairro da Mafalala, são entidades presentes no quotidiano moçambicano, ao contrário dos nomes heróicos dos navegadores, administradores coloniais e outras figuras que marcaram a marcha imperial e colonial portuguesa, talvez a caricatura tenha um significado mais estrutural.

Quando no dia 11 de Maio de 2006, a equipa de futebol do Benfica aterrou no aeroporto de Maputo, a fim de participar num torneio quadrangular³³, foi recebida entusiasticamente. O diário *Notícias* assinalava estarem «milhares de moçambicanos ávidos em ver in-loco desfilar as suas principais "estrelas", principalmente as do Benfica de Portugal»³⁴. Em Portugal, a viagem proporcionou uma prosa mais contundente e a espaços nitidamente mais nostálgica. No dia 12 de Maio, o jornal *A Bola* descrevia a visita do Benfica a duas escolas secundárias de Maputo com um título épico, inspirado nas palavras de Léo, defesa brasileiro do Benfica: «Deus, o que é isto?». O

³⁰ Não é pouco comum, porventura pela influência das novelas brasileiras no quotidiano urbano de Moçambique, ouvir chamar Valdemir Lenine à avenida que homenageia o líder da revolução de Outubro de 1917.

³¹ Pelo Despacho do Conselho Executivo de Maputo publicado no B.R. de 12/10/1981.

³² António Carlos Pereira CABRAL, 1975, *Dicionário de Nomes Geográficos de Moçambique - Sua Origem*, Lourenço Marques, 1975, citado por Jorge Luís Fernandes na Revista Digital a Filatelia Portuguesa http://www.filateli-camente.online.pt/r114/artigo_html/revista114_1.html.

³³ Em que participaram as equipas do Ferroviário de Maputo, do Petro de Luanda e do Costa do Sol, organizador do torneio e, recorde-se, antigo Benfica de Lourenço Marques.

³⁴ *Notícias*, 12/5/2006, p. 26.

repórter de *A Bola*, Mário Nóbrega, iniciou a sua reportagem dizendo que «os alunos das escolas secundárias Josina Machel e Portuguesa de Moçambique não mais esquecerão o dia 11 de Maio de 2006. Vai ficar-lhes para sempre marcado na memória. Daqui a anos dirão, primeiro a filhos, depois a netos, que nesse dia para eles memorável receberam em apoteose, em delírio mesmo, uma comitiva do Benfica. Foram momentos de paixão clubista incontrolável»³⁵. Não é fácil, pelo menos na aparência, associar as memórias da visita do Benfica, aquelas que o repórter de *A Bola* diz irem ser contadas por estes jovens moçambicanos nascidos num país já independente aos seus filhos e netos, a um legado político ou mesmo cultural. As comemorações, para infelicidade dos nostálgicos do império, pareciam não estar a celebrar outra coisa que não o futebol, os seus artistas e os clubes que os moçambicanos se habituaram a gostar. Para compreender este laço é fundamental fugir ao espartilho apertado imposto por uma história política.

A passagem do Benfica por Maputo preencheu parte substancial das colunas de publicidade nos vários media moçambicanos. Apesar do interesse demonstrado pelos moçambicanos no campeonato português e apesar das duas transmissões televisivas semanais, os serviços noticiosos de televisões e jornais dão, normalmente, pouca importância ao que sucede na Superliga. O *Notícias*, principal jornal do país, próximo do partido no poder, remete o campeonato português para umas pequenas caixas semanais. Os noticiários na televisão estatal ignoram os jogos e apenas em algumas publicações mais recentes, cuja dinâmica é claramente comercial, se dá grande destaque aos clubes portugueses³⁶. Dir-se-ia existir uma desproporção entre o interesse da rua e o acompanhamento mediático. Alguns artigos de jornal denunciaram certos comportamentos «estranhos» que os adeptos moçambicanos terão tido aquando desta passagem do Benfica por Maputo. No semanário *Savana*, Paulo Mubalo salientava que a maioria do público que quase enchera o estádio da Machava³⁷ ignorara as equipas moçambicanas «chegando a envergar a indumentária do Benfica ou exibindo bandeirinhas daquele clube luso»³⁸. O cronista ficara mais chocado quando viu adeptos moçambicanos a cantar o hino português: «O coração tem motivos que a razão desconhece, dizem os estudiosos, mas que não deixa de ser esquisito, isso é verdade». Aproveitou para criticar os clubes que, «na esperança de receberem algum apoio ou por mero saudosismo dos tempos de então (...) voltaram ou querem voltar aos nomes coloniais», acrescentando que, «não é de estranhar que um dia exijam que Maputo se volte a chamar Lourenço Marques»³⁹. Termina dizendo «"Nós do Benfica" é, infelizmente assim, como se identificavam orgulhosamente os moçambicanos! E nunca é tarde para se retractarem». Em 2005, quando os moçambicanos foram para a rua comemorar a

³⁵ *A Bola*, 12/5/2006, p. 6.

³⁶ O grupo de comunicação 9, que detém um semanário, uma rádio e mais recentemente uma televisão, reflecte esta nova abordagem mais comercial.

³⁷ Antigo Estádio Salazar, inaugurado em 1968, com um jogo entre Portugal e o Brasil.

³⁸ *Savana*, 19/5/2006, p. 20.

³⁹ Em Nampula, os antigos Sporting e Benfica locais, regressaram aos nomes do tempo colonial.

vitória do Benfica no campeonato português, algumas vezes vieram assinalar a permanência em Moçambique de uma ideologia colonialista alienante que tinha no futebol uma dos seus principais instrumentos de poder⁴⁰. Tais manifestações de alegria eram quase um assassinato da personalidade moçambicana, independente, que nasceu contra o poder colonial português.

É quase inevitável que a relação dos moçambicanos com o futebol português seja, em certos meios, assunto de análise política. Está por provar, no entanto, que os usos e as funções quotidianos do futebol português em Moçambique estejam directamente associados a uma nostalgia dos tempos coloniais. Dir-se-ia que esta é uma distinção impossível de realizar e que, na verdade, os laços permanecem. É fundamental, porém, compreender a natureza destes laços à luz de uma sociologia do quotidiano, de uma antropologia urbana ou de uma abordagem no âmbito dos «estudos culturais». A análise do papel que o futebol português desempenha hoje nas antigas colónias africanas exige que se identifique as suas utilizações sociais, a importância que tem na manutenção de laços comunitários. Formatar o fenómeno pelos pressupostos de uma história política, implica uma redução brutal da realidade, que interessa, sem dúvida, a quem, tanto do lado português como do lado moçambicano, deseja utilizar a situação como instrumento da política contemporânea. Aos alunos das escolas secundárias que o Benfica visitou foi-lhe ensinado o modo como o movimento de libertação acabou com o colonialismo português. Portugal e os portugueses surgem como os opressores e toda a prepotência da máquina colonial é denunciada. Estes alunos parecem não confundir, porém, os planos.

A importância do futebol português no quotidiano moçambicano deve ser interpretada, também, no âmbito mais geral do conhecimento que existe em Moçambique sobre Portugal. O futebol preenche grande parte das representações quotidianas que os moçambicanos têm do Portugal do princípio do século XXI. É por estas razões que o futebol, muito mais do que uma memória nostálgica, é matéria presente e, como eixo da cultura popular urbana, será matéria futura. Algumas instituições do estado português esforçam-se por promover, com maior ou menor eficácia, outras representações do Portugal contemporâneo, nomeadamente nos domínios da cultura artística dominante⁴¹. Estas iniciativas são consumidas, predominantemente, pela comunidade portuguesa e por elites locais. Numa dimensão mais próxima dos consumos de outros grupos sociais, o esforço mais abrangente da televisão portuguesa, RTP África, parece estar a ser ultrapassado pelo poder magnânime da cultura popular brasileira, que vai desempenhando um papel fundamental na defesa da língua portuguesa. Os canais moçambicanos apresentam

⁴⁰ João Craveirinha no *Zambézia online*, http://www.zambezia.co.mz/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=962

⁴¹ Normalmente pelo trabalho das Embaixadas portuguesas e do Instituto Camões.

vários produtos do Brasil, nomeadamente uma quantidade substancial de telenovelas. Acrescente-se ainda a influência da TV Miramar, controlada pela Igreja Universal do Reino de Deus, especialista no consórcio da mensagem religiosa com a linguagem televisiva de cariz populista⁴².

Não se conhece, no âmbito das instituições portuguesas que procuram promover a chamada «lusofonia», qualquer utilização do futebol para desenvolver as relações no espaço lusófono, o que parece infirmar, desde logo, qualquer teoria do neo-colonialismo cultural baseado neste laço. É certo que existe um esforço de organização de jogos desportivos que envolvam atletas dos vários países de língua oficial portuguesa, mas a natureza dos laços culturais que unem o futebol português às populações africanas baseia-se noutros princípios, mais facilmente incluídos numa concepção alargada de tradição cultural, cuja definição ultrapassa a usualmente utilizada no seio das «instituições da lusofonia», focada em determinado património linguístico e cultural. Se recordarmos que a herança educativa e cultural portuguesa em Moçambique foi caracterizada pela ineficácia e pelo desinteresse do poder colonial em democratizar a cultura, a língua e a educação⁴³ é relevante que o futebol, à margem das políticas oficiais, continue a ser matéria de produção de laços entre Portugal e os países de língua oficial portuguesa. O futebol, traduzindo-se numa linguagem corporal identificada, servido por regras simples e partilhadas por todas as classes sociais, afirma-se como uma «linguagem franca», cujos conteúdos, em Moçambique, remetem para uma mundividência portuguesa. Estes conteúdos servem, porém, a vida social moçambicana, os seus gestos e interações quotidianos, razão pela qual participam de uma «memória social» solidificada, cujo significado é grandemente autónomo do passado colonial.

Bibliografia

- Gary ARMSTRONG, 2004, «The Migration of the Black Panther: an Interview with Eusébio of Mozambique and Portugal», *Football in Africa*, ed. Gary Armstrong, Richard Giulianotti, Hampshire, Palgrave, pp. 247-268
- Gary ARMSTRONG & Richard GIULIANOTTI (eds.), 2004, *Football in Africa*, Hampshire, Palgrave.

⁴² A força mediática da IURD tem proporcionado um crescimento assinalável do seu culto, em detrimento tanto de outras igrejas cristãs, como o caso evidente da católica, como de cultos tradicionais. Ver, a este propósito, Carlos SERRA, 2003, *Combates pela mentalidade sociológica*, Maputo, Imprensa Universitária, pp. 27-54.

⁴³ Ver, por exemplo, João Carlos PAULO, 1999, «Da Educação Colonial Portuguesa ao Ensino no Ultramar», em Francisco Bethencourt e Kirti Chaudhuri (dir.), *A História da Expansão Portuguesa*, vol. 5, Círculo dos Leitores, Lisboa, pp. 304-333; e Miguel JERÓNIMO, 2006, «Os Missionários do Alfabeto nas Colónias Portuguesas (1880-1930)», em Diogo Ramada Curto (dir.), *Estudos de Sociologia da Leitura em Portugal no século XX*, Gulbenkian, Lisboa, pp. 29-68.

- Francisco BETHENCOURT, 1999, «A Memória da Expansão», in Francisco Bethencourt & Kirti Chaudhuri (dirs.), *História da Expansão Portuguesa*, vol. 5, Lisboa, Círculo de Leitores, pp. 442-480.
- António Carlos Pereira CABRAL, 1975, *Dicionário de Nomes Geográficos de Moçambique - Sua Origem*, Lourenço Marques.
- Renato CALDEIRA, 2003, *Coluna, o Monstro Sagrado*, Maputo, Edisport.
- Cláudia CASTELO, 2007, *Passagens para a África Portuguesa: o Povoamento de Angola e Moçambique com Naturais da Metrópole (1920-1974)*, Porto, Edições Afrontamento.
- Paul CONNERTON, 1999, *Como as Sociedades Recordam*, Celta, Oeiras.
- Paul DARBY, 2006, «Migração para Portugal de jogadores de futebol africanos», *Análise Social*, 179, vol. XLI, 2.º trimestre de 2006, p. 426.
- Nuno DOMINGOS, 2006, «Futebol e Colonialismo, dominação e apropriação: sobre o caso moçambicano», *Análise Social*, 179, vol. XLI, 2.º trimestre de 2006, pp. 397-416.
- Miguel JERÓNIMO, 2006, «Os Missionários do Alfabeto nas Colónias Portuguesas (1880-1930)», em Diogo Ramada Curto (dir.), *Estudos de Sociologia da Leitura em Portugal no século XX*, Gulbenkian, Lisboa, 2006, pp. 29-68.
- Ismael Mário JORGE, 1931, *L'Education Physique et le Sport*, Paris, Congresso Colonial de Paris.
- João Carlos PAULO, 1999, «Da Educação Colonial Portuguesa ao Ensino no Ultramar», em Francisco Bethencourt & Kirti Chaudhuri (dir.), *A História da Expansão Portuguesa*, vol. 5, Círculo dos Leitores, Lisboa, pp. 304-333.
- João de PINA-CABRAL, 2002, «"Agora pode saber o que é ser pobre". Identificações e diferenciações no mundo da Lusotopia», *Lusotopie*, 2, pp. 215-224.
- Malyn NEWITT, 1995, *História de Moçambique*, Lisboa, Europa-América.
- Ilídio ROCHA, 2000, *A Imprensa de Moçambique*, Livros do Brasil, Lisboa.
- Carlos SERRA, 2003, *Combates pela mentalidade sociológica*, Maputo, Imprensa Universitária.